

Genealogia como metodologia para a História do Tempo Presente: diálogos com Foucault e Nietzsche

Genealogía como metodología para la Historia del Tiempo Presente: diálogos con Foucault y Nietzsche

Lucas Coelho Baccin

Doutorando em História

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

baccin.lucas@gmail.com

Recebido: 18/08/2025

Aprovado: 21/02/2026

Resumo: O presente texto tem como objetivo propor alguns debates iniciais acerca das possibilidades do uso da pesquisa genealógica, a partir de Friedrich Nietzsche e Michel Foucault, como uma metodologia possível para trabalhos do campo da História do Tempo Presente. Para isso, além de uma conceituação do termo, serão propostas algumas análises sobre as potencialidades de tal método e alguns de seus usos em obras já publicadas. O texto busca ainda, partindo da pesquisa de doutorado do autor, em andamento, demonstrar algumas possíveis aplicações de tal método, principalmente relacionados ao debate acerca da temporalidade no campo da HTP, associadas a práticas de descontinuidades, acasos, mudanças e rupturas.

Palavras-chave: Genealogia; História do Tempo Presente; Metodologias.

Resumen: Este texto tiene como objetivo proponer algunos debates iniciales acerca de las posibilidades de uso de la investigación genealógica, a partir de Friedrich Nietzsche y Michel Foucault, como una metodología viable para trabajos en el campo de la Historia del Tiempo Presente. Para ello, además de una conceptualización del término, se proponen algunos análisis sobre las potencialidades de dicho método y sus aplicaciones en obras ya publicadas. Asimismo, partiendo de la investigación doctoral en curso del autor, el texto busca demostrar posibles aplicaciones de este enfoque, en especial en lo relativo al debate sobre la temporalidad en el campo de la HTP, asociada a prácticas de discontinuidad, contingencia, cambio y ruptura.

Palabras clave: Genealogía; Historia del Tiempo Presente; Metodología.

1. Introdução: *Andante non troppo – Allegro vivace*¹

Proponho uma imagem inicial: do passado como uma música, repleto de sons, de estruturas, de formas, de ritmos. Ele é formado não só de consonâncias, mas dissonâncias e silêncios. Como em uma música, marcado pelas interpretações, pelas acentuações, pelas escolhas não só de quem o viveu, mas também de quem o analisa e interpreta. Como em um concerto, onde não é possível dar ouvido a um único instrumento, uma única voz, na em uma análise genealógica do passado não se pode buscar enxergar uma origem única, uma essência, um único fragmento de onde tudo surgiu. Como em um concerto, onde o que se sente não está estático mas em constante movimento, na análise genealógica o que é, nem sempre foi assim, é composto de uma multidão de vozes, de passados e presentes esquecidos, de silêncios e lutas, acasos e descontinuidades.

O objetivo do presente texto é realizar uma análise da potencialidade da pesquisa genealógica, baseada em Foucault e Nietzsche, com um instrumento para a produção historiográfica, especialmente em relação à História do Tempo Presente (HTP). O campo de estudos da HTP, desenvolvido a partir do Instituto de História do Tempo Presente (IHTP) na França possui diferentes conceituações e está em permanente debate. No presente trabalho, parte-se de uma visão de tal campo que, em diálogo com Rodrigues, se “preocupa menos com o corte cronológico que separa presente do passado, e mais com a própria interrogação sobre a temporalidade do presente, a forma como os presentes do passado circulam, habitam ou irrompem no presente” (Rodrigues, 2024, p. 8). Assim, na busca de analisar a genealogia como um possível método da HTP, busca-se um questionamento às temporalidades instituídas não apenas por continuidades, mas também repletas de acasos, desvios, rupturas e lutas.

Qual o sentido do parágrafo inicial relacionando-a com a música então? Pode perguntar-se quem estiver a ler. E a resposta pode causar, talvez, certo desapontamento: a ideia é desafiar quem lê a também ouvir. Mas como ouvir um texto escrito? Talvez não no sentido literal, mas a ouvir as consonâncias, dissonâncias e mesmo os silêncios do passado e do presente. Pois, como se buscará demonstrar é a isso que a análise genealógica se propõe: “marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona” (Foucault, 2014, p. 55). Concertos, músicas, não são feitos de apenas um tom, não são escutados ou sentidos em sons separados uns dos outros, mas com uma

¹ Antes da leitura do trabalho, é convidado a quem lê, ouvir simultaneamente a música “Concerto for Orchestra - Sz.116” de Béla Bartók, disponível em: <https://youtu.be/9uwpuy7nS4> Acesso em 17 de ago. de 2025.

junção dos mesmos, regidos por quem lê os fragmentos separados (o regente, ou o historiador), que dá a sua interpretação a partir do que lê, de algo escrito por um outro, ou vários outros. Essa é a analogia que se busca desenvolver aqui: o passado como um concerto musical, formado de diferentes sons, agentes, formas, ritmos, silêncios, andamentos e tempos, inscrito em partituras separadas, cada qual com suas particularidades, e o genealogista como o regente, que lê essa complexa partitura e executa sua interpretação.

Para isso, como no concerto de Béla Bartók², o trabalho é dividido em cinco movimentos, o primeiro refere-se à presente introdução, que anda, mas não muito, apresenta o que será debatido de modo alegre, vivaz. Em seguida, será apresentada uma leve brincadeira entre as principais referências do conceito: Nietzsche e Foucault, buscando um debate em diferentes tempos. No terceiro movimento, volta-se a um ritmo cadenciado, para apresentar as possibilidades de uso do conceito, suas apropriações e atualizações no tempo, bem como de algumas produções que utilizaram do conceito. Na sequência, realizando uma interrupção, alegre contudo, será realizado o exercício de aplicação do conceito para o projeto de doutorado do presente autor, que tem como objetivo investigar os efeitos das leis de drogas no sistema penitenciário e na sociedade brasileira no contexto da ditadura militar junto a seus desdobramentos sociais e históricos, e as possibilidades de diálogo e de ampliação do debate com o campo da História do Tempo Presente. Por fim, uma breve consideração final, não um encerramento, no sentido de esgotamento, mas um chamado a novas composições, interpretações, reavaliações da análise genealógica.

2. A genealogia de Nietzsche a Foucault - *Giuoco delle coppie. Allegro scherzando*

Como apresentado brevemente na introdução, o conceito de genealogia aqui estudado parte, principalmente, das obras de Friedrich Nietzsche e Michel Foucault, em tempos e andamentos diferentes, contudo com muitas consonâncias e inspirações. O termo genealogia, também relacionado à busca das raízes de uma família, será aqui debatido como uma abordagem teórico-metodológica presente nas obras dos autores citados.

² Béla Viktor János Bartók foi um compositor e pianista de origem húngara, baseou grande parte de suas peças musicais a partir de músicas do folclore húngaro a partir de pesquisas realizadas em músicas populares do interior de seu país. Para mais, ver: Bartók, Béla; Dille, Denijs (1949). The Life of Béla Bartók. In: *Tempo no. 13*. p. 3-7. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/942679?seq=1>. Acesso em 15 ago. 2025.

Para continuar a analogia com a música, será aqui colocado Nietzsche como *spalla* dessa orquestra, ou o primeiro violino, responsável pela afinação dos demais, o solista principal. Em *Genealogia da Moral*, o autor demonstra seu virtuosismo já no prólogo da obra, relatando que aos treze anos de idade já buscava por uma origem do bem e do mal, elegendo então Deus como o pai do mal (Nietzsche, 2009, p.9). Entretanto, continua demonstrando que logo não mais buscou uma origem do mal por trás do mundo, transformando seu problema em outra questão:

sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor ‘bom’ e ‘mau’? E que valor eles têm? Obstruíram ou promoveram até agora o crescimento do homem? São indício de miséria, empobrecimento, degeneração da vida? Ou, ao contrário, revelam-se neles a plenitude, a força, a vontade de vida, sua coragem, certeza, futuro? (Nietzsche, 2009, p. 9).

Com essa mudança de questionamento, nota-se uma mudança na tonalidade da análise promovida por Nietzsche, não mais a busca por uma origem pura, mas uma busca pela “necessidade de um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram [os valores morais], sob as quais se desenvolveram e se modificaram” (Nietzsche, 2009, p. 12). É nesse sentido que Nietzsche passa a desenvolver sua genealogia, não uma busca por uma origem pura, algo que critica inclusive em outros genealogistas, como Paul Rée³, mas numa longa busca, numa “quase indecifrável escrita hieroglífica do passado moral humano” (Nietzsche, 2009, p. 13).

Antes de avançar um pouco mais na análise genealógica de Nietzsche, façamos um *ritornelo* à uma importante obra do filósofo, a “Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida”. Nessa obra, além do que proclama no próprio título - tecer considerações sobre a utilidade e desvantagem da história - Nietzsche estabelece algumas discussões que dialogam com a temática do presente trabalho, um diálogo como uma melodia em contraponto talvez, levando em conta as duas vozes (textos) simultaneamente. Já no início de seu escrito, o filósofo proclama que “não saberia que sentido teria a filologia clássica em nossa época senão o de atuar nela de maneira intempestiva, ou seja, contra o tempo e, com isso no tempo e, esperemos, em favor de um tempo vindouro” (Nietzsche, 2003, p. 7). Essa consideração acerca do tempo, é aqui vista já como um

³ Filósofo nascido na Prússia que, durante determinado tempo, foi amigo de Nietzsche, posteriormente criticado por este por conta de seus estudos. Para mais, ver: Fazio, D. M. A ética na escola de Schopenhauer: o caso de Paul Rée. *Ethic@: Revista Internacional de Filosofia da Moral*, v. 11, p. 87-98, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/1677-2954.2012v11nesp1p87/22993>. Acesso em: 15 ago. 2025

direcionamento ao pensamento genealógico do autor, uma vez que, atuar contra, com e a favor do tempo, parece demonstrar a concepção de um tempo não apenas linear ou cronológico, mas repleto de muitas camadas, por vezes anacrônico, que retorna “ainda como um fantasma e perturba a tranquilidade de um instante superior” (Nietzsche, 2003, p. 8). Tempos dissonantes em si mesmo, passados e presentes que são repletos de significados.

Ainda em sua consideração intempestiva, Nietzsche apresenta o seguinte: “porque somos o resultado de gerações anteriores, também somos o resultado de suas aberrações, paixões e erros, mesmo de seus crimes, não é possível se libertar totalmente desta cadeia” (Nietzsche, 2003, p. 31). Também neste trecho é possível considerar um apontamento do filósofo para compreensão do presente como formado não apenas como uma sucessão de passados vitoriosos que se sobrepõe cronologicamente, mas também repleto dos fragmentos das derrotas, das aberrações. Algo que será retomado em seu projeto de genealogia, quando o autor chama a atenção para o que considera com o mais importante princípio da ciência histórica:

De que a causa da gênese de uma coisa e sua utilidade final, a sua efetiva utilização e inserção em um sistema de finalidades, diferem totalmente; de que algo existente, que de algum modo chegou a se realizar é sempre reinterpretado para novos fins, requisitado de maneira nova, transformado e redirecionado para uma nova utilidade, por um poder que lhe é superior (Nietzsche, 2009, p. 60-61).

Assim, ao buscar pelo surgimento de algo que existe no presente, é necessário levar em conta todas suas modificações ao longo do tempo, é preciso ter o entendimento de que sua finalidade não está contida já em sua origem - o que seria o sentido teleológico que Nietzsche critica no que chama de “genealogistas ingleses”, como Paul Rée - mas, ao contrário, que uma busca genealógica deve levar em conta as modificações e os embates de força que envolveram tal coisa.

Seguindo esta tocata, são convocados aqui os estudos de Michel Foucault⁴, buscando um aprofundamento na compreensão da abordagem genealógica para a pesquisa histórica. Se Nietzsche foi aqui elencado como o *spalla* da orquestra, talvez caiba a Foucault a função de pianista,

⁴ Ressalta-se aqui que as aproximações entre Foucault e Nietzsche são objetos de diversas discussões por autores já consagrados como Deleuze (2005), Dosse (2013), Dreyfus e Rabinow (2010), Veyne (1995), Machado (1988) e Albuquerque Júnior (2007), para citar alguns. Contudo, no presente texto o intuito dessa aproximação é relaciona-se principalmente às discussões sobre a genealogia e as temporalidades presente em ambos.

demonstrando toda sua versatilidade, mantendo a rítmica, a harmonia (por vezes dissonante) e também realizando seus próprios solos.

Algumas das primeiras notas de Foucault em direção à análise genealógica aparecem na obra “A Ordem do Discurso” - aula inaugural do autor no Collège de France em 1970 - onde apresenta duas formas para analisar o discurso, uma crítica, como um “princípio de inversão” e outra genealógica, pondo em prática três princípios ao analisar a formação dos discursos em relação aos sistemas de coerção: “como se formaram, através, apesar, ou com apoio dos sistemas de coerção séries de discurso; qual foi a norma específica de cada uma e quais foram suas condições de aparição, de crescimento, de variação” (Foucault, 2004, p. 60-61). Assim, a partir da análise genealógica, o autor busca estudar a formação do discurso como “ao mesmo tempo dispersa, descontínua e regular” (Foucault, 2004, p. 65). Em compasso com Nietzsche, não em busca de uma origem simples, pura, já contida em seu fim, mas complexa, baixa, cinza.

Cinza, meticulosa, pacientemente documentária, é assim que Foucault descreve a genealogia no texto “Nietzsche, a Genealogia e a História”. Nessa obra, originalmente escrita em 1971, o autor se debruça em uma importante discussão acerca do método genealógico, que marcaria uma importante fase de sua produção intelectual, da genealogia do poder. Foucault defende a genealogia como uma busca de marcar a singularidade dos acontecimentos,

espreitá-los lá onde menos se os esperava e naquilo que é tido como não possuindo história - os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos; apreender seu retorno não para traçar a curva lenta de uma evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas onde eles desempenharam papéis distintos; e até definir o ponto de sua lacuna, o momento em que eles não aconteceram (Foucault, 2014a, p. 55).

A genealogia, portanto, exige demora, minúcia, paciência e se opõe à pesquisa da “origem” (Foucault, 2014a, p. 56). A partir disso, demonstra Foucault, a genealogia permite ao historiador apreender que “atrás das coisas há ‘algo inteiramente diferente’, não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas” (Foucault, 2014a, p. 58). Nesse mesmo sentido, o autor defende que a história “com suas intensidades, seus desfalecimentos, seus furores secretos, suas grandes agitações febris como suas síncope, é o próprio corpo do devir” (Foucault, 2014a, p. 61), e é nestas síncope, nestes descompassos, nestas dissonâncias e silêncios que a genealogia deve demorar-se, nos “acasos dos começos” (Foucault,

2014a, p. 61). Em consonância com Nietzsche novamente, demonstrar que a origem não está já presente no fim, mas que essa finalidade de algo é marcada por lutas, embates, recomeços, acasos, silenciamentos.

Mas qual seria o objeto então de uma genealogia? Em busca de que ela parte? Foucault, novamente afinando seus pensamentos a partir de Nietzsche, marca dois termos como centrais para a análise genealógica: *Herkunft* e *Entstehung*. O primeiro é apresentado como a ideia de *proveniência*, e sua busca se dá no sentido de “descobrir todas as marcas sutis, singulares, subindividuais que podem se entrecruzar nele [um indivíduo] e formar uma rede difícil de desembaraçar” (Foucault, 2014a, p. 62). Buscar essa proveniência então, estaria não relacionado a encontrar uma categoria de semelhanças, mas “permite ordenar, para colocá-las à parte, todas as marcas diferentes”, levando assim a uma dissociação do Eu e fazendo “pulular nos lugares e recantos de sua síntese vazia, mil acontecimentos agora perdidos” (Foucault, 2014a, p. 62). A busca pela proveniência então está ligada aos acidentes, aos desvios, erros, falhas, demonstrando que na “raiz daquilo que nós conhecemos e daquilo que nós somos - não existem a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente” (Foucault, 2014a, p. 63). A proveniência, para Foucault está ligada ao corpo, pois é este que carrega as marcas, os estigmas, os acontecimentos do passado, é nele onde têm lugar os sentimentos, os desejos, é o corpo a “superfície da inscrição dos acontecimentos” (Foucault, 2014a, p. 65), e a genealogia, assim, é o ponto de contato do corpo com a história, “deve demonstrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo” (Foucault, 2014a, p. 65).

Além da ideia de proveniência, o outro termo central para uma análise genealógica, segundo Foucault, é o da *Entstehung*, ou a *emergência*, ou ainda, o ponto de surgimento (Foucault, 2014a, p. 65). Nesse caso, o autor destaca a emergência como o momento onde uma força irrompe em determinado presente, onde ocorre uma interrupção, um “salto pelo qual elas [forças] passam dos bastidores para o teatro, cada uma com seu vigor e juventude” (Foucault, 2014a, p. 67), seriam assim os locais de enfrentamentos, de lutas pelo poder. Mas não são organizadas, planejadas, não contém necessariamente sua finalidade, fazem parte de um jogo, onde ninguém tem efetivamente o controle, uma relação entre dominadores e dominados e, o “grande jogo da história”, será daqueles que se apoderaram das regras, “de quem tomar o lugar daqueles que as utilizam, de quem se disfarçar para pervertê-las, utilizá-las ao inverso e voltá-las contra quem as tinham imposto” (Foucault, 2014a, p. 69). A emergência assim, é repleta de acasos, não como um sorteio, mas como uma “relação de forças que

se inverte, um poder confiscado, [...] uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e outra que faz a entrada, mascarada” (Foucault, 2014a, p. 73).

Com este contraponto de duas vozes, Nietzsche e Foucault, o objetivo foi de realizar uma breve conceituação da genealogia. Se Nietzsche aparece aqui como uma primeira voz, não é apenas no sentido cronológico, mas também como a melodia fundamental, a partir de onde Foucault constrói seu campo harmônico, repleto de acordes consonantes, mas também com suas dissonâncias e melodias próprias. A seguir, serão apresentadas algumas apropriações, aplicações e atualizações do conceito no campo historiográfico, demonstrando algumas produções realizadas a partir do conceito, tornando o contraponto em cada vez mais complexo jogo de harmonias.

3. Usos da genealogia e algumas interpretações - *Elegia. Andante non troppo.*

No terceiro movimento do concerto de Bártok, o tema é extraído da primeira seção, numa Elegia, possui uma característica mais lenta, melancólica, até mesmo lamentosa, em um andamento moderado, mas não muito. Nessa analogia, aqui se apresentarão algumas produções historiográficas que se utilizaram da análise genealógica, baseadas em Nietzsche e, sobretudo, Foucault. Genealogias que, como apresentado anteriormente, assim como no terceiro movimento de Bartok, devem ser minuciosas, lentas, demoradas, por vezes carregadas de lamentações de passados difíceis, atravessados pela ação do poder.

Uma das mais importantes obras que utiliza da abordagem genealógica é o livro *Vigiar e Punir* de Michel Foucault, demonstrando que as reflexões teóricas do autor, apresentadas anteriormente, são utilizadas pelo mesmo para a construção da investigação histórica acerca das formas de punir. Conforme Foucault descreve, o objetivo central de seu livro é:

uma história correlativa da alma moderna e de um novo poder de julgar; uma genealogia do atual complexo científico-judiciário onde o poder de punir se apóia, recebe suas justificações e suas regras, estende seus efeitos e mascara sua exorbitante singularidade (Foucault, 2014b, p. 26).

A partir disso, Foucault demonstra que busca estudar as modificações da punição a partir de uma “tecnologia do corpo, onde se poderia ler uma história comum das relações de poder e das relações de objeto” (Foucault, 2014b, p. 27). Assim, a partir da análise genealógica, da penalidade como técnica de poder, “compreender ao mesmo tempo como o homem, a alma, o indivíduo normal ou

anormal, vieram fazer a dublagem do crime como objetos de intervenção penal”, e as formas como uma determinada sujeição deu origem ao humano como “objeto de saber para um discurso com status ‘científico’” (Foucault, 2014b, p. 27-28). Ainda que utilize a palavra origem, Foucault não tem a pretensão de achar uma origem única, pura, essencial, mas a ideia de proveniência e os momentos de emergência de determinadas práticas e discursos. Assim, ao realizar tal tipo de análise, Foucault busca compreender também seu próprio presente, buscando as formas como as sociedades punitivas se constituíram, demonstrando quais foram as lutas pelo poder de onde determinadas práticas e discursos emergiram, revelando as discontinuidades, as táticas e estratégia de poder dos diferentes sujeitos sociais, demonstra que a punição através da prisão, da penalidade, não teve uma origem simples, única, ou ainda óbvia, como resultado de uma soma de passados, mas sim repleta de embates pelo poder.

Seguindo no compasso de Foucault, David Garland inicia sua obra *A Cultura do Controle* com uma provocação: “Nós rapidamente nos acostumamos às coisas como elas são. Hoje, mais do que nunca, é mais fácil viver no imediatismo do presente e perder todo o senso do processo histórico que gerou o atual estado de coisas” (Garland, 2008, p. 41). E, justamente contra tal compreensão do estado das coisas é que o autor se dedica a esmiuçar a compreensão acerca de “como nossas respostas contemporâneas ao crime assumiram a forma que possuem hoje, com seus aspectos novos e contraditórios” (Garland, 2008, p. 42), assim, o autor busca desenvolver o que chama de uma “história do presente”, distante da ideia de uma completude do passado, mas sim na busca de “entender as condições históricas de existência das quais dependem as práticas contemporâneas” (Garland, 2008, p. 42) e, ainda, “não pensar historicamente o passado, mas sim através da história, repensar o presente” (Garland, 2008, p. 43). Para isso, Garland desenvolve o que chama de “crônica genealógica”, buscando compreender não a origem das práticas de controle do crime e da justiça no presente, mas quais foram os processos históricos e sociológicos que deram luz a tais práticas, de quais condições elas emergiram. Assim, Garland é mais um intérprete na orquestra da compreensão genealógica da relação passado-presente, baseando-se nas construções harmônicas propostas por Foucault, o autor desenvolve suas próprias interpretações, cadências, acentuações, apropriando-se do tema mas também o atualizando, criando seus próprios andamentos. É importante ressaltar que o que David Garland chama de “história do presente” está mais relacionado à uma pesquisa de uma história recente, o autor não está teoricamente associado ao mesmo campo de estudo da História do Tempo Presente já apresentado

anteriormente e que será debatido à frente, porém, suas reflexões acerca das temporalidades permitem aproximar sua obra para um desenvolvimento do método genealógico na HTP.

Ainda no sentido de convocar intérpretes que executaram as análises genealógicas em suas peças, destaca-se o estudo realizado por Thiago Rodrigues no livro *Política e Drogas nas Américas: uma genealogia do narcotráfico*. Objetivando “captar os instantes em que as práticas proibicionistas circulantes no baixo mundo são percebidas pelos mecanismos de governamentalidade como úteis politicamente para ampliar a capacidade estatal de regulação da conduta dos homens” (Rodrigues, 2017, p. 43). Para isso, Rodrigues desenvolve uma análise baseada na observação genealógica proposta por Foucault, método que o autor demonstra como “parcial, finito e interessado nos detalhes, nas meticulosidades dos conflitos de força” (Rodrigues, 2017, p. 28), assim compreendendo as políticas de drogas não como resultados apenas de um movimento jurídico, ou de um ou outro legislador, mas como frutos de lutas pelo poder, de conflitos que se desenrolam não apenas nas superfícies das sociedades, mas também nos locais mais baixos, mais profundos da vida social. A obra de Thiago Rodrigues, entra como mais uma camada na complexa partitura das análises genealógicas, com seu próprio instrumento de análise, mas baseando-se nas melodias compostas por Foucault, Rodrigues realiza sua composição afastada da busca por origens, mas sim ligada a complexidade das relações e lutas do poder.

Nesse breve movimento, a ideia foi de elencar alguns intérpretes da análise genealógica, para compor tal sinfonia, escolheu-se de início três autores que desenvolvem trabalhos que vão ao encontro das questões pesquisadas pelo presente autor. Com isso, muitas outras obras ficaram de fora, seja por conta da brevidade do presente trabalho, seja pelas identificações temáticas do autor, contudo, destaca-se que como no caso das genealogias - ou dos concertos - as interpretações e novas formulações são sempre inacabadas, sempre um convite para participação de outras vozes.

4. Potencialidades para a história do tempo presente e aplicação do conceito – *Intermezzo interrotto. Allegretto*

Até aqui foram apresentadas algumas considerações acerca do conceito de genealogia, seus autores de referência, suas atualizações e difusões. Mas façamos uma interrupção, um interlúdio, como o quarto movimento de Bártok uma mudança no andamento da obra, para além da contextualização da genealogia, propor algumas formas de sua aplicação e potencialidade para a História do Tempo Presente. Quase como um improviso musical, que não é feito de qualquer maneira, mas que parte de

um jogo harmônico já pré-estabelecido, que se interliga com as bases musicais que fazem o acompanhamento de fundo. Como na improvisação musical, portanto, não se trata de lançar notas soltas esperando que façam sentido com o todo da música, mas sim partir das bases já estabelecidas para exercitar novas ideias, como um improviso, não se trata do desenvolvimento de uma peça final, mas de possibilidades, de sonoridades que possam continuar reverberando, para que, se aprofundadas, possam resultar em novas obras, nunca finais, é claro.

Esse improviso é feito em duas vozes, que se complementam, que simultaneamente constroem suas melodias. Uma delas é a temática de pesquisa do autor, construir uma genealogia acerca das políticas criminais em torno do combate às drogas no Brasil e seus efeitos no presente, outra é o campo historiográfico em que se insere tal pesquisa, a História do Tempo Presente. Vozes que, como dito, caminham juntas, não são pensadas separadamente.

O projeto de pesquisa de doutorado do presente autor, propõe como problemática investigar os efeitos das legislações brasileiras de combate às drogas das décadas de 1960 e 1980 no sistema penitenciário e na sociedade, analisando o contexto de criação e vigência das leis e seus desdobramentos sociais e históricos. Contudo, não trata-se de apenas construir uma explicação histórica sobre a origem das referidas leis, mas de, a partir de questões formuladas no presente e sobre o presente, verificar as diferentes disputas de poder que deram origem ao processo de encarceramento em massa no contexto brasileiro e mundial. Assim, é possível partir de algumas questões: Qual(is) a(s) proveniência(s) das políticas de encarceramento em massa, presentes na atualidade? Qual(is) o(s) ponto(s) de emergência das atuais políticas punitivas em relação ao consumo e tráfico de drogas? O que essas práticas punitivas demonstram sobre o presente? Outras questões podem ainda (e muito provavelmente serão) levantadas durante a pesquisa, contudo para a presente análise, tomemos-as como ponto de partida.

Utilizar da análise genealógica para responder às questões acima colocadas e a problemática da pesquisa tem como objetivo não a busca da origem do encarceramento em massa, mas sim da problematização das formas como as lutas, os discursos e os embates do passado tornaram tal prática como existente na atualidade. Em diálogo com Garland, é a tentativa de “traçar o processo errático e descontínuo pelo qual o passado se tornou o presente” (Garland, 2014, p. 84), demonstrar que tal processo não é formado de maneira natural, linear ou ainda óbvia, mas é repleto de discontinuidades, de dissonâncias e de silêncios, é formado por uma série de temporalidades distintas, inseridas em

diferentes disputas de poder, “fazer aparecer todas as discontinuidades que nos atravessam” (Foucault, 2014a, p. 83).

O sentido do uso da genealogia aplicada a tal projeto de pesquisa, visa propor uma análise acerca da como a construção de discursos jurídicos e políticos, bem como de suas práticas cotidianas, produzem mecanismos de articulação entre as narrativas históricas e seus usos no presente. Assim, esmiuçar a complexa rede de relações de poder, bem como dos discursos legais, midiáticos, políticos e as formas como foram mobilizados para a elaboração de políticas públicas. Se a repressão às drogas e o encarceramento em massa hoje são vistos com certa normalidade e continuam a ser palco de criações de novas leis repressivas, analisar genealogicamente os cenários de emergências e formação dessas práticas, trata não apenas de um estudo sobre o passado, mas sobre como o presente foi e é formado.

Para isso, a pesquisa que está sendo realizada se utiliza de diferentes fontes históricas como: processos judiciais e prontuários dos sujeitos detidos pelas leis relacionadas às drogas em Santa Catarina; relatórios de autoridades de Estado; Código Penal e leis específicas do recorte proposto; projetos de leis e discussões legislativas sobre o tema no período; Jornais e publicações da imprensa; Relatórios Estatísticos do IBGE entre 1960 e 1990. Com isso, partindo de uma concepção genealógica a ideia é traçar as diagonais, as curvas, as tensões que compõem a trama discursiva em torno da questão do proibicionismo no Brasil durante o período da ditadura militar. Desse modo, trata-se então não de uma análise horizontal ou vertical das fontes, mas de um entrecruzamento das mesmas, buscando compreender as *proveniências* do discurso proibicionista em torno das drogas, ou seja, não uma origem única, mas exercícios de poder, fabricação de saberes, processos de produção de subjetivações que demonstram os embates de forças e os diferentes projetos de sociedade presentes nas documentações. Em diálogo com Deleuze, “em vez de ir de uma exterioridade aparente para um ‘núcleo de interioridade’ que seria essencial, é preciso conjurar a ilusória interioridade para levar a palavra e as coisas para sua exterioridade constitutiva” (Deleuze, 2005, p. 161). Assim, o emprego da genealogia como método visa proporcionar a compreensão das diferentes camadas discursivas presentes no passado que, passando por transformações, mudanças, fragmentações, ajudaram a constituir o presente.

Além disso, partindo da análise genealógica, será também realizada uma aproximação com as categorias de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativas” de Reinhart Koselleck, bastante

mobilizadas em trabalhos do campo da História do Tempo Presente⁵. Com a ideia da experiência relacionada ao espaço e a de expectativa ao tempo, Koselleck defende que “o tempo histórico não apenas é uma palavra sem conteúdo, mas também uma grandeza que se modifica com a história, e cuja modificação pode ser deduzida da coordenação variável entre experiência e expectativa” (Koselleck, 2006, p. 309). Partindo deste ponto, ao analisar as fontes de maneira genealógica pretende-se também compreender como as diferentes disputas em torno da questão das drogas são repletas de redes discursivas que comportam tanto os espaços de experiência do passado (passado do passado) como também os horizontes de expectativas do mesmo (futuro do passado), ao analisar as propostas legislativas e os embates na Câmara de Deputados acerca da criação de novos dispositivos legais sobre entorpecentes no período, por exemplo, é possível verificar nas lutas de poder, na criação de saberes, tanto os usos do passado, quanto também os projetos de futuro mobilizados nas narrativas favoráveis ou contrárias a tais leis, compreendendo-as ainda no tempo histórico em que estão inseridas (presente do passado).

Ainda em relação ao campo da História do Tempo Presente, a análise genealógicamente orientada, também permite questionar as temporalidades como marcadas por um sentido único, progressivo e, nesse sentido, contribuir com algumas discussões acerca da definição do próprio campo. Como demonstra Walderez Ramalho (2023), as discussões acerca da HTP foram, durante algum tempo, marcadas por perspectivas que buscavam introduzi-la dentro de uma lógica de periodização, buscando por vezes marcos de início, ou ainda balizas temporais que justificassem o estudo de um determinado objeto dentro dessa ótica. Contudo, tal perspectiva incorre no risco de “reintroduzir subrepticiamente o princípio de representação do tempo histórico que fundamentou grande parte das objeções levantadas contra a própria legitimidade da história do tempo presente” (Ramalho, 2023, p. 2). A partir disso, ainda em diálogo com Ramalho, a ideia de tempo presente aqui elencada, diz respeito a um tempo “policrônico, relacional, abrigando numerosas historicidades” (Ramalho, 2023, p. 17) e, com isso, a própria questão temporal pode ser um objeto de investigação desse campo, “produzindo estudos sobre como os atores sociais estabelecem significados para o seu presente na relação com

⁵ O livro *Fio que se faz trama a história do tempo presente e a responsabilidade na pesquisa histórica* (Rodrigues *et al.*, 2022), por exemplo, que traz uma série de trabalhos que discutem as perspectivas em torno da HTP no Brasil, conta em muitos dos seus capítulos com a mobilização das categorias referidas, contendo ainda um levantamento de teses e dissertações defendidas no PPGH/UDESC indicando um uso constante das categorias de Koselleck nos trabalhos.

outros sujeitos e outros tempos (passados e futuros)” (Ramalho, 2023, p. 17). Também nesse sentido, argumentam Lohn e Campos que “o tempo deixa de ser um pano de fundo para tornar-se a própria trama social construída em distintas dimensões e tensões” (Lohn, Campos, 2017, p. 99). Dessa forma, o tempo passa a ser ponto central para a produção do campo e, com isso, “o historiador do tempo presente precisa trabalhar com um conceito de distância mais flexível e menos dogmático [...], ora afastando-nos do passado, ora presentificando-o por meio dos sentidos construídos pelos relatos históricos com vistas à abertura de futuros possíveis” (Pereira, 2022, p. 19).

E é a partir disso que, como em diálogo com Foucault, a análise genealógica permite “fazer da história uma contramemória e de desdobrar consequentemente toda uma outra forma do tempo” (Foucault, 2014a, p. 80), um tempo marcado também por discontinuidades, por saltos temporais, por diferentes andamentos. Pensar nas temporalidades de maneira genealógica, seria ainda, talvez, como o agir de maneira intempestiva proposta por Nietzsche de confrontar o tempo, ir contra o mesmo, mas no tempo e em direção a um tempo por vir, ou seja, trata-se do questionamento a uma determinada concepção cronologicamente orientada do tempo.

Com isso, seguindo a proposta de debates acerca das temporalidades, é possível também aproximar a análise genealógica da metáfora de “estratos do tempo” proposta por Koselleck ao defender a ideia de tempo como camadas geológicas que “remontam a tempos e profundidades diferentes, que se transformaram e se diferenciam umas das outras em velocidades distintas” (Koselleck, 2014, p. 19), assim, um tempo composto por diferentes planos, velocidades, acontecimentos. Portanto, assim como em uma genealogia, a investigação do desenrolar desse tempo deve levar em conta as transformações, as fissuras, os diferentes andamentos e embates presentes nessas camadas.

Uma outra chave de aproximação da metodologia genealógica com a História do Tempo Presente está na discussão acerca do *acontecimento*, “que esteve no centro da discussão que fez emergir a história como campo disciplinar próprio nos oitocentos” (Rodrigues, 2024, p. 9) e que foi e é palco de constantes debates no campo da HTP⁶. Em diálogo com François Dosse, o sentido de acontecimento aqui adotado é de “não um simples dado que basta coletar e comprovar sua realidade,

⁶ Como exemplos: Dosse (2013), Roussio (2016), Gumbrecht (2010), Hartog (2013); Nora (1995).

é uma construção que remete ao conjunto do universo social como matriz da constituição simbólica do sentido” (Dosse, 2013, p. 12). Em seu livro *Renascimento do Acontecimento*, Dosse elenca as obras de Nietzsche e Foucault para debater os sentidos do acontecimento, demonstrando inserção do “caráter sempre novo da irrupção do acontecimento” (Dosse, 2016, p. 33) já presente em Nietzsche, que introduz também novas questões em relação à temporalidade com a ideia de “eterno retorno” e um tempo “aberto para as evoluções inéditas e diferentes” (Dosse, 2016, p. 35) no sentido de causar rupturas e ineditismos. Sentido esse que, segundo Dosse, é também mobilizado por Foucault que “substitui a busca das origens temporais e a busca das casualidades por um positivismo crítico procurando identificar as discontinuidades graças a um descritivo das potencialidades materiais” (Dosse, 2019, p.158), inserindo ainda “temporalidades diferenciais, uma desordem de temporalidades múltiplas, cada uma detentora de um certo tipo de acontecimentos” (Dosse, 2016, p. 160). Assim, ainda em diálogo com Dosse, o uso das obras de Nietzsche e Foucault permite uma visão acerca do acontecimento que leva em conta tanto seu caráter novo, como repleto de acasos, não como apenas sorte, ou notas jogadas ao vento, mas como jogo de forças, lutas, discontinuidades.

Além dos pontos destacados na obra de Dosse acerca das noções de acontecimento presentes em Nietzsche e Foucault, é interessante também chamar a atenção para a ideia de *emergência* já abordada anteriormente. Pois, ao tratar do acontecimento como algo novo, inédito e, ao mesmo tempo, carregado de sentidos simbólicos e construções sociais, esta noção trabalhada por Foucault pode servir de interessante ferramenta para perceber estes momentos onde novas forças irrompem em um presente específico, repletas de jogos de poder, de expectativas de mudanças, que não contém em si sua finalidade, mas que trazem modificações nem sempre planejadas ou organizadas. Assim, a ideia de emergência pode possibilitar encarar os acontecimentos do passado não como algo dado, inevitável ou final, mas como locais cheios de vidas, compostas por experiências de passados e presentes, repletas de expectativas e projetos de futuros.

Dessa forma, o uso da análise genealógica como metodologia para a História do Tempo Presente permite não apenas uma busca pelas diferentes camadas temporais que constituem o passado, mas também um questionamento do presente, visto que, não se trata apenas de partir de uma pergunta localizada no presente, algo comum já em muitos campos da história, mas de questionar também o presente, de desmascarar o presente como algo dado e acabado. Pois, ao demonstrar que o passado foi formado de múltiplos projetos, de diferenças forças, de variadas lutas pelo poder, o mesmo pode

ser afirmado sobre o presente, gerando assim um horizonte de diferentes futuros possíveis. Escapando ainda à metáfora de “passado que não passa” de Henry Rousso (bastante presente em trabalhos do campo da HTP), a análise genealógica permite destacar também as diferenças, as mudanças ocorridas que, ainda que continuem sendo o mesmo - o proibicionismo em relação às drogas, por exemplo - são diferentes, são resultado de uma somatória de diferenças, que muitas vezes são tornadas iguais pela ordem do discurso historiográfico, ou de uma determinada historiografia.

5. Considerações Finais - Finale. Presto.

Chegamos ao movimento final, algumas breves considerações sobre o trabalho desenvolvido em torno do conceito de genealogia. Como no concerto de Bártok, projeta-se aqui um *perpetuum mobile*, um movimento contínuo, perpétuo, como propõe ser análise genealógica, que hora ou outra tem de encerrar, mas não com um significado final, essencial, fechado, mas sempre aberto a novas interpretações, novas ideias, novos sons. Um movimento marcado por um tempo não apenas cronológico, pois é repleto de temporalidades distintas em seu interior, também não cíclico, pois não se trata de retornar eternamente ao mesmo ponto, mas um tempo complexo, marcado por polirritmias, acelerações, saltos e, por que não, anacronismos.

Pensar a genealogia, principalmente pautada nas obras de Nietzsche e Foucault, possibilita ao campo da história, sobretudo do tempo presente, desafiar o presente, desmascarar suas verdades, demonstrar que seus edifícios mais sólidos possuem uma frágil estrutura, formada não como um resultado final das vitórias, mas também dos projetos derrotados, dos entulhos da história, dos subterrâneos, os locais mais baixos, de onde os fantasmas estão sempre à espreita para emergir no presente.

Para finalizar, vamos voltar à analogia com a música: imaginemos a partitura lida por um regente de orquestra, nela estão contidas, em forma de escrita musical, tudo que deve ser executado pelos músicos - os ritmos, as melodias, os acordes, as pausas, as acentuações, os andamentos, dentre outros - um bom regente é até capaz de escutar a música apenas lendo tal partitura, ainda que para um leigo não passem de símbolos impressos. Se tomarmos tal partitura como os vestígios do passado, cabe então ao historiador, em uma análise genealógica, o papel da regência, de escutar o que não possui som no sentido físico, de compreender as diferentes simbologias do passado, de verificar os descompassos, as dissonâncias, os silêncios, as melodias, os timbres, o campo harmônico enfim formado pelo

resultado das lutas de onde emergiu o presente. Ao soar uma nota, não escutamos apenas seu som puro, mas todo o desdobrar de sua série harmônica, composta pelas ondas que reverberam em uma série de sequências, sons que nem sempre podem ser escutados pelo ouvido humano, mas podem ser sentidos, sons que, quando ligados a outros produzem a sensação de consonância ou dissonância. E assim não é a história? Feita não apenas dos passados visíveis, das vozes que permanecem no presente, mas também dos silêncios, dos esquecimentos, dos invisíveis que, ainda que não possamos ouvir ou ver, perturbam a ordem do presente?

Referências

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *História: a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história*. Baurú: EDUSC, 2007.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DOSSE, François. *Renascimento do acontecimento: um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2013.
- DREYFUS, Hubert L; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 10.ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014a.
- FOUCAULT, Michel. *A Sociedade Punitiva: curso no Collège de France (1972-1973)*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014b.
- FOUCAULT, Michel; MOTTA, Manoel Barros da. *Ditos e escritos, volume X: Filosofia, diagnóstico do presente e verdade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- GARLAND, David. *A Cultura do Controle: crime e ordem social na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Revan, 2008.
- GARLAND, David. O Que Significa Escrever Uma “História Do Presente”? A Abordagem Genealógica de Foucault Explicada In: *Revista Justiça e Sistema Criminal*, v. 6, n. 10, p. 73-96, jan./jun. 2014.

- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto, PUC-Rio, 2010.
- HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo. Estudos sobre a história*. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC/Rio, 2014
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Contraponto, 2006.
- LOHN, Reinaldo Lindolfo; CAMPOS, Emerson Cesar de. Tempo Presente: entre operações e tramas. *História da Historiografia*, v. 2, p. 97-113, 2017. Disponível em: <https://revistahh.emnuvens.com.br/revista/article/view/1176>. Acesso em: 17 ago. 2025
- MACHADO, Roberto. *Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault*. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A genealogia da moral: uma polêmica*. 3ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Rio de Janeiro: Redes, 2003.
- NORA, Pierre. “O retorno do fato”. In- LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. *História: Novos Problemas*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1995.
- PEREIRA, Mateus. *Lembrança do presente: ensaios sobre a condição histórica na era da internet*. Autêntica, 2022.
- RAMALHO, Walderez. Sobre os limites do tempo: história do tempo presente, policronia e performatividade. *História (SÃO PAULO)*, v. 42, p. e2023036, 2023
- RODRIGUES, Rogério Rosa et al. (org.). *Fio que se faz trama: a história do tempo presente e a responsabilidade na pesquisa histórica*. Vitória, ES: Milfontes, 2022
- RODRIGUES, Rogério Rosa. Presente eterno e história do tempo presente: encontros, controvérsias e possibilidades. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 16, n. 43, p. e0103, 2024. DOI: 10.5965/2175180316432024e0103. Acesso em: 17 ago. 2025.
- RODRIGUES, Thiago. *Política e drogas nas Américas: uma genealogia do narcotráfico*. São Paulo: Desatino, 2017.
- ROUSSO, Henry. *A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2016.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. 3. ed. Brasília, DF: UnB, 1995.